

TUDO PELA ARTE: UMA FORMA DE APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por: Maria de Socorro Tavares de Freitas

RESUMO

Como o mundo é repleto de significados e cheio de descobertas, o ensino de Arte aborda uma série de significações, tais como: o senso estético, a sensibilidade e a criatividade. A criança se encontra em fase de pensamento concreto e faz largo uso de seus sentidos para enriquecer suas experiências. Nesta fase, as atividades artísticas fornecerão ricas oportunidades para o seu desenvolvimento. É importante o contato com a arte na aprendizagem da criança, pois amplia sua compreensão do mundo, principalmente em relação à produção artística. Por esse motivo, este trabalho nos apresenta a forma que se deu o ensino da arte ao longo dos tempos, através da influência dos diferentes modelos de ensino. É possível dizer que a arte, no ambiente escolar, reflete uma crescente necessidade pela busca de um espaço de expressão da criatividade, onde possa haver a construção de conhecimento e a liberdade de expressão entendida como possibilidade de criação e desenvolvimento da imaginação, independentemente do tempo histórico em que viveu ou vive, sente-se a necessidade de se expressar por meio de desenhos, pinturas, fotografia, música, dança escrita. É como se fosse um processo em construção dentro das relações sociais da convivência com bens culturais e com os códigos de interpretação desses bens.

PALAVRAS-CHAVE: História da arte; Conceito de arte; Desenhos; Desenvolvimento da imaginação.

INTRODUÇÃO

Para desenvolver esta pesquisa, ter uma fundamentação sobre arte e de como trabalhar arte com as crianças da Educação Infantil tomou-se por base, principalmente, estudos e abordagem das pesquisas dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (PCNs), de Gombrich, dos RCNEI, entre outros estudiosos.

Esta pesquisa bibliográfica foi utilizada com o intuito de dar apoio na abordagem sobre artes, e é ela quem fornece os subsídios e encaminhamentos metodológicos necessários para direcionar em busca de uma pedagogia que busque

o respeito ao pensamento e à opinião do outro, a qual levará a uma qualidade maior de vida bem como uma perspectiva maior de aprendizagem.

No primeiro capítulo apresenta um pouco sobre a História da Arte, pois independentemente da época o ser humano já sentia a necessidade de se expressar por meio de desenhos, pinturas, e outras formas de registros, o que faz com que haja tantos movimentos artísticos é a diferença entre homens e os momentos históricos.

No segundo capítulo são expostos conceitos sobre arte, sendo ela uma forma do ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. Contém também a arte e a criança, onde as expressões artísticas são marcadas com mais intensidade, pois a criança imagina e cria suas personagens, suas obras, seus desenhos. Todas essas manifestações são potencialidades das expressões artísticas que ocorrem no cotidiano da criança.

Também contém as concepções no trabalho com a arte, onde traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com materiais e sentimentos, e, para isso, mostra-se um pouco as atividades que podemos desenvolver com alunos de educação Infantil como o desenho, que é onde a criança tem contato com a sua primeira escrita.

O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas, para isso as características dos desenhos são uma forma bastante rica onde podemos compreender o desenvolvimento da criação da criança. Mostra-se também a modelagem que é importante para o desenvolvimento e controle sensorial além de proporcionar aquisição da flexibilidade manual, destreza e controle dos movimentos, de imagens e imaginação.

1. CONCEITO E HISTÓRIA DA ARTE

Genericamente, pode-se dizer que "[...] a arte é um produto da criatividade humana que, utilizando conhecimento e técnicas e um estilo ou jeito todo pessoal, transmite uma experiência de vida ou uma visão de mundo, despertando emoção

em que usufrui [...]" (FEIST, 2003 apud ARSLAN, 2003, p.3, grifo do autor).

“A arte é uma forma do ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. A arte pode ser representada através de várias formas, em especial na música, na cultura, na pintura, no cinema, na dança, entre outras.” (BRASIL,2009).

Prates (2001) confirma que "Quanto mais intensa essa experiência de vida e mais ampla essa visão de mundo, maior emoção a arte desperta. [...]" Porém, essa não é uma definição completa, pois após seu surgimento, há milhares de anos, a arte foi evoluindo e ocupando um importantíssimo espaço na sociedade, haja vista que algumas representações da arte são indispensáveis para muitas pessoas nos dias atuais, como, por exemplo, a música que é capaz de nos fazer felizes quando estamos tristes. Ela funciona como uma distração para certos problemas, um modo de expressar o que sentimos aos diversos grupos da sociedade.

“As manifestações artística, iniciadas nos de vida, podem significar para as crianças a diferença que existe entre indivíduos adaptados e felizes e outros que, apesar de toda capacidade, continuam, às vezes, desequilibrados e encontram dificuldades em suas relações com o próprio ambiente. A arte pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções. Pode tornar-se aborrece; como um apoio que procuram naturalmente cada vez que uma amiga à qual as crianças se dirigirão, quando as palavras se tornarem inadequadas “(LOWENFELD, 2003)

1.1 Linha do tempo

A história da arte nos mostra que o homem, independentemente do período histórico que tenha vivido, sempre sentiu necessidade de se expressar, seja através do desenho, pintura, fotografia, música, dança, escrita, entre outros meios, o que torna visível que a comunicação e expressão fazem parte da natureza humana (DALCOL,2009).

1.1.1 Arte na Pré-História

O que faz com que haja tantos movimentos artísticos é a diferença entre os homens e os momentos históricos, pois desde sempre o homem representou, por

meio da arte, o período histórico que estava vivendo, como na arte da Pré-história, período onde se mostram as primeiras demonstrações de arte que se tem notícia na história humana, pois, como comenta Gombrich (2000), eram retratados animais, pessoas, e até sinais, havendo cenas de caçadas, de espécies extintas, nas mais diversas regiões.

Na arte do Paleolítico encontra-se o início da história da arte e a mais antiga produção artística de que se tem conhecimento, já que nessa era o artista pintava as coisas da maneira como as via. Aceita-se que esta arte pode até fazer parte de rituais realizados por caçadores pois o homem desse período acreditava que ao possuir a imagem do animal, a caçada seria bem sucedida, então esse desenhos eram feitos em rochedos e paredes das cavernas (BRONOWSKI, 1983).

A arte no período neolítico inicia-se com a Revolução Neolítica, período revolucionário na história, que parte do momento em que o homem começa, com êxito, a domesticar animais, além de dar os primeiros passos na agricultura. De acordo com Gombrich (2000), nesse período o homem deixa de ser nômade, fixando-se em uma terra por ele cultivada e onde ele mantém manadas. Essa mudança acarretou em um aumento populacional e deu início à noção de família e à divisão do trabalho. Assim, o homem do neolítico iniciou o desenvolvimento de técnicas para tecer panos, de fabricar cerâmicas e construir as primeiras moradias, além de produção do fogo, que possibilitou seu trabalho com metais.

Todas essas conquistas técnicas refletiram-se na arte, pois esse novo homem não conta apenas com a observação, mas, também, com abstração e racionalização. Como sequência, surgem representações da vida coletiva por meio de sinais e figuras sugestivas, não mais realistas.

1.1.2 Arte na Idade Antiga

O historiador das artes, Gombrich (2000), destaca que a arte da Idade Antiga evidencia diferentes ideologias, pois abrange as manifestações artísticas de grandes e distintas civilizações, entre elas a egípcia, a grega e a romana.

Para Gombrich (2000) esta manifestação artística teve a sua supremacia na região durante um longo período de tempo, devido à sua organização social e suas realizações culturais. A arte egípcia se assemelhava da arte grega, apreciava muito

as cores. As estátuas, o interior dos templos e dos túmulos eram profusamente coloridos. Porém, a passagem do tempo fez com que se perdessem as cores originais que cobriam as superfícies dos objetos e das estruturas.

A religião influenciava todos os aspectos dessa sociedade, inclusive a arte, da qual o fundamento ideológico era a glorificação dos deuses e do faraó divinizado, tendo estas verdadeiras obras de artes em forma de templos funerários e túmulos grandiosos, para abrigá-los após a morte. (MARIM,2005).

A arte grega não está vinculada ao espírito, mas sim à racionalidade, pois ao contrário dos egípcios seus reis não eram deuses. Conforme Bronowski (1983) a arte grega volta-se para o deleite da vida presente. O artista contempla e registra as manifestações da natureza, o artista se empolga pela vida e tentava, através da arte, exprimir suas manifestações. Na sua constante busca da perfeição, o artista grego cria uma arte de elaboração intelectual em que predominam o ritmo, o equilíbrio, a harmonia ideal. Eles têm como características: o racionalismo; o amor pela beleza; interesse pelo homem; essa pequena criatura que é “a medida de todas as coisas”; e a democracia.

A arte grega influenciou a arte romana, percebida em sua busca pelo ideal da beleza, mas também recebeu contribuições da arte etrusca, presente nos arcos e nas abóbadas das construções (MARIM,2005).

1.1.3 Transição da Arte: Idade Média para a Idade Moderna

Na Idade Média, há o predomínio da moral cristã, o que se percebe no tema das manifestações artísticas: a valorização do espírito. Entre os séculos XVI e XVIII, segundo Gombrich (2000), ocorrem na Europa profundas mudanças que alteram completamente a visão de mundo dos homens, percebida na produção artística deste período.

No Renascimento ocorreram muitos progressos e realizações em campos diversos, como arte, literatura e ciência, que superam a herança clássica. A Renascença emerge, porém, o foco dos artistas descola-se para o passado clássico, buscando influências na Grécia e Roma antiga, levando a profundas mudanças tanto nos aspectos técnicos quanto nos motivos e temáticas da pintura e escultura. Os pintores, então, passam a aumentar o realismo de seus trabalhos usando as novas

técnicas (MARIM, 2005) (MENASSI, 2008)

Paralelamente ao Renascimento, desenvolve em Roma um movimento artístico afastado do modelo da antiguidade clássica: o Maneirismo, do qual as marcas são uma estilização exagerada e um capricho nos detalhes o maneirismo e o barroco são as primeiras reações contra a perfeição idealista do classicismo, empregou a distorção da luz e dos espaços da obra a fim de enfatizar seu conteúdo emocional e as emoções do artista (MARIM, 2005).

“A arte barroca originou-se na Itália (séc. XVII), mas não tardou a irradiar-se por outros países da Europa e a chegar também ao continente americano, trazida pelos colonizadores portugueses e espanhóis.” (MARIM, 2005, p. 17).

Através das obras barrocas há o predomínio das emoções, já que houve o rompimento do equilíbrio existente entre o sentimento e a razão ou, entre a arte e a ciência do período do Renascimento (MARIM, 2005).

Na França, surge o Rococó como um desdobramento do barroco. Este estilo artístico é mais leve e intimista que o barroco e é usado principalmente em decoração de interiores (MENASSI, 2008).

O Neoclassicismo trata-se de uma nova tendência estética, que denota o retorno à imitação dos modelos clássicos e os valores próprios de uma nova e fortalecida burguesia, que assumiu a direção da sociedade europeia após a Revolução Francesa e durante o Império de Napoleão (MENASSI, 2008) (MARIM, 2005).

Conforme Marim (2005), o final do século XVIII foi marcado por grandes acontecimentos: a Revolução industrial, responsável pela geração de inventos que, além de aumentarem a produção, provocaram a divisão do trabalho e o início da especialização da mão-de-obra e a Revolução Francesa, cujo maior fruto é a Declaração dos Direitos do Homem e do cidadão. Tais mudanças repercutiram na arte do século XIX, resultando em uma atividade artística complexa, na qual os artistas românticos procuraram a livre expressão do subjetivo.

1.1.4 Idade Contemporânea

Bronowski (1983) elucida que entre 1850 e 1900 surge na Europa o

Realismo, uma nova tendência estética que se desenvolveu ao lado da crescente industrialização das sociedades. Nela, o homem europeu passa a ser realista em suas criações artísticas, deixando de lado a emoção e subjetividade.

O Impressionismo teve início na França, derivado do Realismo, tem como principal tema a realidade do cotidiano. Deu início às graças tendências da arte do século XX (ATELIER, 2006).

A arte expressionista é caracterizada como instintiva, na qual a emoção prevalece em detrimento da razão, constituindo uma pintura dramática e subjetiva. Por meio de cores, deforma-se a figura para ressaltar os sentimentos, como o amor, o ciúme, o medo, a solidão, a miséria humana, a prostituição, entre outros temas do século XX (MENASSI, 2008).

Marim (2005) elucida que no Cubismo, o pintor tenta representar os objetos como se estivesse vendo-o por todos os lados, sob todos os ângulos visuais possíveis, o que resulta em uma obra com volume, em três dimensões, numa superfície plana, sob formas geométricas, com o predomínio de linhas retas.

Os futuristas aderem à era da máquina. Para eles, os objetos não se esgotam no contorno aparente e seus aspectos se interpenetram continuamente a um só tempo, ou vários tempos num só espaço. O grupo pretendia fortalecer a sociedade italiana por meio de um discurso patriótico que incluía a aceitação e exaltação da tecnologia (MARIM, 2005).

A proposta dadaísta é que a arte dissocie-se da razão, sendo apenas o resultado do automatismo psíquico, no qual há seleção e o arranjo dos elementos de maneira aleatória. Carvalho (1964) explica que o dadaísmo defende o absurdo, a incoerência, a desordem, o caos, e firmou-se como um protesto contra uma civilização que não conseguiu evitar a guerra.

“A arte abstrata tende a suprimir toda a relação entre a realidade e o quadro, entre as linhas e os planos, as cores e a significação que esses elementos podem sugerir ao espírito. Quando a significação de um quadro depende essencialmente da cor e da forma, quando o pintor rompe os últimos laços que ligam a sua obra à realidade visível, ela passa a ser abstrata.” (UFES, 2006).

O Surrealismo, explana Gombrich (2000), foi a corrente artística moderna que representou o irracional e o subconsciente. Os surrealistas deixam o mundo real para penetrarem no irreal. A livre associação e a análise dos sonhos, ambos os métodos da psicanálise freudiana, transformaram-se nos procedimentos básicos do

surrealismo, embora aplicados a seu modo. Tentavam, por meio de formas abstratas ou figurativas simbólicas, representarem as imagens da realidade mais profunda do ser humano: o subconsciente.

“[...] o pop art começou a tomar forma no final da década de 1950, quando alguns artistas, após estudar os símbolos e produtos do mundo da propaganda nos Estados Unidos, passaram a transformá-los em tema de suas obras.

Representavam [...] os componentes mais ostensivos da cultura popular, de poderosa influência na vida cotidiana na segunda metade do século XX. Era a volta a uma arte figurativa, em oposição ao expressionismo abstrato que dominava a cena estética desde o final da segunda guerra. Sua iconografia era a da televisão, da fotografia, dos quadrinhos, do cinema e da publicidade.”(MARTINS; IMBROISI, 2009).

Carvalho (1964) comenta que a trajetória da história da arte no Brasil mostra uma grande influência estrangeira no conjunto de suas pinturas, desenhos e gravuras. Esse estrangeirismo se iniciou com a colonização do Brasil por Portugal e se intensificou com a chegada da família real Portuguesa e a consequente criação da Academia imperial de Belas Artes, bem como com a presença de artistas de outros países em terras brasileiras.

O auge dessa influência externa deu-se em 1922, com a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, pois modernistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral apresentavam como objetivo deixar de lado as velhas formas artísticas na literatura, música e artes plásticas, atualizar nossa intelectualidade com as vanguardas européias e valorizar a consciência criadora de raízes nacionais. Porém, os artistas brasileiros sempre conseguiam transformar o que vinha de fora em obras com as características do Brasil (CARVALHO, 1964).

O mundo da arte popular brasileira é a manifestação dos costumes, das religiões e das festas que revelam por meio das criações de grande valor estético e artístico. Feitos à mão, de barro, de madeira, de areia, palha, tecido, penas de aves, entre muitos outros, as obras são encontradas em todas as regiões do Brasil. Sem contar com as festas típicas e as danças populares. Geralmente, são feitos por pessoas de poucos recursos econômicos, que vivem no interior do País ou na periferia dos grandes centros urbanos. Para eles, a arte é, primeiramente, fonte de trabalho, pois é por meio da venda do artesanato que conseguem o sustento familiar (ARBOLEYA; ERAS, 2009).

Os povos indígenas não são culturalmente homogêneos, Carvalho (1964) elucida que cada povo possui características peculiares que o distingue dos demais.

No entanto, algumas práticas são comuns a maioria dos povos indígenas, como, por exemplo, a cerâmica, o trançado e os enfeites do corpo. Na cerâmica, destaca-se a beleza das pinturas. Já os trançados são indispensáveis ao transporte de caça, de pesca, de frutas, para a confecção de armadilhas e para a construção do arcabouço e da cobertura da casa. Há também os enfeites de corpo que são pintados com o jenipapo, resultando no preto-esverdeado; o urucum, originando o vermelho e o branco extraído da tabatinga.

Conhecida também por arte primitiva, a Arte Naïf apresenta um caráter autodidata e temas populares, geralmente inspirados pelas cores e pelos traços que retratam o meio rural. Se o tema representa aspectos urbanos, costuma-se utilizar o termo francês naïve, que significa ingênuo (MARIM, 2005) (MENASSI, 2008).

A espontaneidade, a criatividade autêntica, a liberdade de expressão e ausência de aspectos formais acadêmicos são os componentes que marcam o estilo instintivo do artista. Não há regras, muito menos a preocupação de preservar as proporções naturais que a figura representa. A arte primitivista permite a expansão da liberdade de criação, expressa com naturalidade e inocência (MARIM, 2005) (MENASSI, 2008).

Segundo Ribeiro ([2009]) "Conhecera arte é aprender a olhá-la criticamente; é experimentar a transformação do olhar. Essa transformação não ocorre apenas na lida com objetos artísticos, mas em todas as áreas do saber humano, pois a crítica é matéria-prima da criatividade."

2 A ARTE NA INFÂNCIA

A infância é marcada por expressões artísticas muito fortes. Nesse processo, a criança já desenvolve atividades artísticas. Ela "faz arte", desenha, pinta, constrói escultura com areia, canta e dança quando está vendo um desenho animado na TV, toca instrumentos (bate panelas, bate a colher quando está comendo), imagina e cria suas personagens, entre outras atividades. Todas essas manifestações são potencialidades das expressões artísticas que não ocorrem na escola, e sim no cotidiano da criança.

A criança também tem acesso a manifestações artísticas de diferentes

naturezas, seja por meio da mídia, da arte produzida pela comunidade, da arte das ruas, dos grafites nos muros, entre outros.

[...] entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais... Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. (BRASIL, 1997, p. 44)

Cabe a escola ampliar esse contato com as expressões artísticas, para que a criança possa ser melhor produtora, conhecedora e crítica da arte. Quem brinca fazendo suas próprias tentativas encontra sempre seus próprios caminhos para seguir adiante.

A arte na vivência de uma criança é muito importante devido sua colaboração tanto para o seu desenvolvimento expressivo como na construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento de sua criatividade.

A criatividade da criança necessita ser desenvolvida, deste modo é através do trabalho realizado com a arte nas escolas que isso torna-se possível.

De acordo Lowenfeld e Brittain (1970) “a arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem”.

Deste modo ressalta-se que:

“Os desenhos das crianças, assim como todas as suas formas de expressão podem ser considerados um reflexo da sua criatividade infantil, pois são os registros dos seus sentimentos e das suas percepções do meio, o que proporciona ao professor um modo de compreender melhor seu aluno e assim ajudá-lo, pois “a arte infantil facultá-nos não só a compreensão da criança mas também a oportunidade de estimular seu desenvolvimento, através da educação artística” (LOWENFELD e BRITTAİN, 1970).

De acordo com NICOLAU (1997), foi Froebel, discípulo de Pestalozzi, que na época que aconteceu a Revolução Industrial, criou na Alemanha em 1837, o primeiro Jardim de Infância, Kindergarten, dedicando o restante de sua vida à fundação de Jardins de Infância, à formação de professores e à elaboração de métodos e equipamentos para tais instituições escolares. NICOLAU (1997) ainda

afirma, em seus estudos, que Froebel foi o primeiro educador a sistematizar orientações metodológicas sobre o brincar, o jogo e o desenho na educação escolar infantil.

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).

A criança através dos símbolos começa a desenvolver sua capacidade de criar, através de sua imaginação desenha objetos significativos, sejam eles reais ou imaginários e expressa as emoções e sentimentos que a criança presencia.

Queiramos ou não, é evidente que a criança já vivencia a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa Arte exerce vivas influências estéticas na criança. É óbvio, também, que a criança com ela interage de diversas maneiras (FERRAZ & FUSARI, 1993, P.43).

A Arte é uma forma de criação de linguagens – seja visual, musical, cênica, cinematográfica, entre outras e ao desenhar, a criança desenvolve seus processos criativos, ampliando suas potencialidades de expressão.

2.1 Concepções do Trabalho com a Arte

Em muitas escolas, as atividades de arte são propostas com fim em si mesmas, sem significado. Colar, pintar, desenhar e modelar apenas com o objetivo de que a criança adquira procedimentos, ou seja, habilidades no uso do material e experimente essas modalidades.

Há também uma preocupação exagerada com a estética, o que faz com que as produções sejam destinadas à decoração ou a serviços de outras áreas. Nesses casos, os professores fazem parte do trabalho, pois acreditam que as crianças não têm habilidade para realizar uma produção com qualidade.

É importante que a criança exercite a livre expressão e a experimentação, mas quando isso é feito sem nenhum tipo de intenção, ou seja, um "deixar de fazer"

sem intervenção, a criança acaba avançando pouco. Além de proporcionarmos momentos do "fazer artístico" criador no qual a criança tenha liberdade para construir seu percurso individual, devemos propor situações planejadas e dirigidas nas quais a aprendizagem acontece a partir do uso de determinados materiais para que, na ação sobre ele, o aluno possa construir conhecimento sobre um determinado aspecto do conteúdo da arte.

[...] O desenho infantil deve ser estimulado não com a intenção de ensinar as técnicas para as crianças, mas pelo fato de este ser um importante processo de aprendizagem. É a oportunidade dela se expressar, de expor de forma concreta seus pensamentos e sentimentos. (LOWENFELD, BRITAIN, 1977, p.4).

É sabida a necessidade de a criança ter autonomia ao explorar materiais, adquirir procedimentos e ter suas próprias impressões, idéias e interpretações sobre o fazer artístico. Porém, não podemos esquecer que a arte é uma linguagem e tem estrutura e características próprias. O que significa que sua aprendizagem se dá por meio da articulação da prática e da reflexão.

3. PERCURSOS DE CRIAÇÃO

No processo de aprendizagem em Artes, a criança exterioriza o seu mundo interno, sua personalidade e seu modo de ver e de sentir as coisas. ele traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com materiais e sentimentos. A criação é exclusividade das crianças, mas cabe ao professor alimentar esse percurso de forma intencional, oferecendo propostas e experiências variadas.

3.1 Desenho

É no desenho que a criança tem contato com a sua primeira escrita. "Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho."(MOREIRA, 2005).

Almeida (2009 apud BORDINI, 2009) explica que "O desenvolvimento

progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos. [...]" Imagens de sol, pessoas, animais, vegetação e carros, e outros, são frequentes nos desenhos das crianças, reportando mais a assimilação dentro da linguagem do desenho do que a objetos naturais. "Essa passagem é possível graças às interações da criança com o ato de desenhar e com desenhos de outras pessoas. [...]" (ALMEIDA, 2009).

Toda criança desenha. Mesmo que não seja adequadamente instrumentada para tal, a criança pequena quase sempre encontra uma maneira de deixar, nas superfícies, o registro de seus gestos: se não tiver papel, pode ser na terra, na areia, ou até mesmo na parede de casa; se não tiver lápis, serve um pedaço de tijolo, uma pedra, ou uma lasca de carvão. (GALVÃO, 1992, p. 54)

As pessoas adultas tem como perfeito os desenhos que se aproximam da estilização padronizada do real, de acordo com Galvão (1992, p. 55) isso "[...] é o que nos indica a satisfação do professor diante da reprodução de modelos divulgados pelos manuais de 'desenho pedagógico', diante das clássicas estilizações infantis, como o desenho da casinha e o da figura humana [...]"

Quando a criança começa a desenhar alguma coisa, um carro, por exemplo, a partir daí ela vai observar com mais atenção os carros em seu dia a dia. O ato de desenhar o carro, e o resultado final do seu desenho, lhe despertam a atenção sobre o tema carro. Se ela se acostumar a observar os carros com mais atenção a cada detalhe, isso vai contribuir para que ela desenvolva a sua percepção visual. Além disso, quanto mais ela observar, mais informação ela vai reter, maior será o seu repertório visual. Conseqüentemente, maior será a sua capacidade de criar. (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p.6)

"[...] É certo que o prazer encontrado pela criança no desenho deixará de existir se não forem permitidas a exploração de sua função expressiva e a realização de seu potencial criativo. [...]" (GALVÃO, 1992, p. 60). Pensando nisso, vê-se existente não apenas a necessidade de se repensar sobre as expectativas geradas quanto ao desenho feito pela criança, mas também deve-se repensar o diálogo educador-educando quanto à sua produção gráfica. Daí surge o momento de discutir oportunidades reais de cultivar o desenvolvimento artístico na Pré-escola (GALVÃO, 1992).

O desenho, explica Lavelberg (2008), deve ser visto como uma forma de expressão da linguagem artística, já que ele é de fundamental importância para um

pleno desenvolvimento infantil, isso ocorre porque ao nascer as crianças já se veem inseridas em um ambiente em que o desenho encontra-se presente em seu cotidiano nas mais diversas formas, seja através das imagens de televisão, rótulos de produtos, cartazes, revistas, entre inúmeras outras fontes. "[...] Através do desenho a criança desenvolve a auto-expressão e atua afetivamente com o mundo: opina, critica e sugere, usando cores, formas, tamanhos, símbolos." (LAVELBERG, 2008).

"Quanto mais oportunidades de desenhar e observar desenhos, maiores serão as situações de aprendizagem vivenciadas pela criança", já que, segundo Luria (1988, p. 76 apud Lavelberg, 2008), "[...] uma criança pode desenhar mas não se relaciona com seu desenho como um expediente auxiliar. Isto distingue a escrita e estabelece um limite ao pleno desenvolvimento da capacidade de ler e escrever pictograficamente, no sentido pleno da palavra [...]" Já que, há momentos em que a criança apenas desenha, como forma de distração expressão, mas também há ocasiões em que o desenho, inconscientemente, é utilizado, como auxiliar para as atividades mentais. (Lavelberg, 2008).

Lavelberg (2008) enfatiza que é muito importante, para o professor da educação infantil, "[...] conhecer a gênese do desenho infantil para que possa propor que promovam avanços conceituais, intervindo na produção das crianças e oportunizando a interação com diferentes produções do universo circundante."

Ao se expressar plasticamente, seja através de desenho, pintura ou modelagem, as crianças usam seus sentidos e pensamentos, colocando suas emoções no que fazem. Essas formas de expressão mostram idéias e sentimentos, e por isso não devem seguir modelos estéticos, mas a oportunidade de desenvolver sua criatividade e construir gosto pela arte (PASTORAL..., 2008).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1977, p. 41):

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, idéias e sentimentos que se realizam como imagens internas, a partir da manipulação da linguagem. É essa capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir, abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata

A maioria das crianças gosta muito de desenhar, pintar, modelar e vai

aprendendo a realizar essas atividades a partir de sua interação com as pessoa se as coisas do lugar em que vive. Mas é importante saber que cada uma vai fazer isso no seu tempo e à sua maneira. (PASTORAL....., 2008, p. 67).

Cada criança tem seu modo singular de se expressar, porém, ao se expressar plasticamente, é visível que existe alguma regularidade entre elas, pois "[...] os desenhos e as pinturas vão se modificando de maneira semelhante em quase todas as crianças e refletem as formas como elas são educadas. O desenho nos ajuda, portanto, a conhecer melhor o desenvolvimento delas." (PASTORAL..., 2008, P. 68)

[...], a imaginação dá forma e densidade à experiência de perceber, sentir e pensar, criando imagens internas que s combinam para representar essa experiência. A faculdade imaginativa está na raiz de qualquer processo de conhecimento, seja científico, artístico ou técnico. (PARÂMETROS..., 1977, p. 41)

Pastoral (2008) explica ainda pequena a criança explora objetos através da utilização, pois ela imita o que os adultos fazem com estes objetos, essa exploração às leva a descoberta que as coisas deixam marcas, como é o caso do lápis/caneta no papel um palito na areia.

Deste modo a criança ao efetuar essa cópia dos movimentos com os objetos isso a encanta, por isso considera-se importante os primeiros rabiscos feitos pela criança.

Inicialmente, essas garatujas são variadas, mas aos poucos elas vão se modificando e tornando-se mais arredondadas. "[...] Quando consegue fazer um rabisco que a satisfaz a [...] criança começa a repeti-lo várias vezes [...]", com o intuito de aperfeiçoá-lo (PASTORAL..., 2008, p. 68)

Inicialmente a criança supõe de que o desenho nada mais é que uma ação motora desempenhada sobre uma superfície qualquer, por isso, ela testa o mesmo movimento em direções diferentes, estes movimentos, em geral, são desordenados, mas, mesmo assim, ao constar os efeitos visuais dessa ação a criança se sente feliz, por se tratar de uma produção sua (BORDONI, 2009).

Quanto à utilização do espaço do suporte, "[...] muitas vezes não saem de um mesmo lugar, outras vezes riscam uma folha inteira, misturando tudo que já experimentaram." (MAGALHÃES, 2007).

O inicial ziguezagueado incontrolado, posteriormente, se torna limitado, de maneira que a criança consegue deixar suas marcas dentro dos limites do suporte

que lhe fora oferecido, além disso, os rabiscos, antes incompreensíveis, dão lugar às formas circulares e mais bem definidas, apresentando uma maior e melhor ordenação, e ocasionalmente, se referem a objetos pré-existentes (BORDONI, 2009).

“Em um certo tempo esses rabiscos se fecham e formam células que se parecem com “bolinhas” [...]. [...] É o momento também em que a criança e os adultos começam a ver alguma coisa nos rabiscos: “uma bola, um rosto”. Não sendo inibida e sim estimulada, a criança vai desenhar cada vez mais. Ela começa a falar sobre o que desenhou e isso a ajuda a fazer progressos nos seus desenhos. Devemos ouvir e estimular a que fale sobre seu desenho e não querer adivinhar o que ela fez, pois a criança pode, num momento, dizer que o desenho é uma coisa e depois falar que é outra. Geralmente a criança não gosta que o seu desenho seja interpretado de maneira diferente do que ela pensa.” (PASTORAL..., 2008, p.69)

Na próxima fase, inicialmente a criança faz formas mais estruturadas, começando por símbolos muito simples, depois “[...] o desenho persegue claramente o objetivo de representar simbolicamente um determinado objeto. As marcas feitas pela criança sobre o suporte começam a ser planejadas com antecedência em sua mente [...]” (JAPIASSU, 2005, p. 7).

A criança passa também a evidenciar a regularidade em que o meio ambiente aparece em desenhos e nos trabalhos aos quais ela tem acesso, daí ela passa a incorporar esse conhecimento em suas produções.

A partir daí as “bolinhas” vão se modificando e começam a aparecer dentro dela olhos, boca, nariz e, em volta, traços que parecem ora cabelos, ora braços e pernas; seus desenhos parecem com sol, bonecos com rosto e membros que saem do pescoço. Outras crianças seguem um caminho diferente. Partindo das “bolinhas” vão juntando formas diferentes e aparecem conjuntos de formas desarranjadas.

A maioria das crianças gosta de dar nome aos seus desenhos de acordo com o que elas acham, por isso sempre é melhor perguntar à criança se quer falar sobre seu desenho e não dizer o que achamos que ela desenhou. Nessa fase muitas crianças falam enquanto estão desenhando.

Aparecem outros elementos além da figura humana, compondo pequenas cenas. E enquanto ela desenha ou cria objetos, a criança conta histórias que explicam seus desenhos.

Depois, como pode-se ver nos desenhos da página, começam a fazer figuras soltas que já apresentam mais relação com as pessoas, os objetos e os

animais da realidade. Esses desenhos ainda se apresentam solto no papel. É perceptível que desenham também casas com portas, janelas e as pessoas que estão dentro; mulheres vestidas com um bebê na barriga, como se a casa e a mulher fossem transparentes.

Aos poucos a criança vai organizando seu desenho e passa a colocar embaixo o que fica pousado no chão como pessoa, casas, carros, cachorro; colocam no alto o sol, nuvens, pássaros. De um modo geral, elas fazem uma cena, onde todos os elementos do desenho apresentam relacionados o que demonstra uma outra forma de pensamento, um outro tipo de organização mental. Nessa fase a criança se amplia e ela pode contar história sobre seus desenhos.

Observa-se que acompanha o desenvolvimento dos pequenos como uma espécie de radiografia, a autora uma criança de 3 anos o descreve assim:

"Sabia que eu sei desenhar um cavalo? Ele está fazendo cocô."

Vou desenhar aqui, que tem espaço vazio."

"O cavalo ficou escondido debaixo disso tudo!" Joana, 3 anos

Reprodução/Agradecimento Creche Central da Universidade de São Paulo (USP)

A criança aprende que pelo desenho pode comunicar alguma coisa a alguém. Por isso o desenho também a prepara para aprender a ler e escrever. Isto, porque à medida que a criança descobre que o desenho é uma formas de representar objetos, pessoas, ela aumenta suas possibilidades de compreender mais tarde que a palavra escrita é outra forma de representação do mundo em que vive.

Quando as pessoas valorizam o que a criança, desenha, pinta, modela, ela se sente feliz e capaz favorecendo, assim, sua auto-estima. Desenhar permite que a criança tenha outra forma de expressar o que sente, o que sabe das coisas e de aumentar seus conhecimentos.

3.2 Modelagem

“A massa de modelar é utilizada a partir dos quatro anos como brinquedo para atividades criativas, desenvolve o controle sensorial e proporciona aquisição da flexibilidade manual, destreza e controle dos movimentos, noção de leitura, de

imagens e imaginação. [...]” (MONTE, 2004 apud AZAMBUJA; PALMEIRO; BRIDI FILHO, 2006, p. 2).

E ainda, “[...] A linguagem visual envolve um universo amplo de maneiras de expressão, dos desenhos à escultura. Quando a criança ‘cria’ uma escultura com argila ou massa de modelar, define formas e organiza espaços, estrutura e articula o sentir e o pensar [...]” (VON, 2001 apud AZAMBUJA; PALMEIRO; BRIDI FILHO, 2006, p. 2), mesmo que os pequenos ainda não conseguem construir esculturas elaboradas, mas, ao darem forma a argila ou a massinha de modelar, nomeiam o que criam atribuindo á obra um significado ou lidam com ela no âmbito pré-simbólico, apenas transformando-a em algo para ser visto. Tendo isso em vista, trabalhar com modelagem permite que o professor explore os componentes da interação e da socialização.

Conhecer e explorar este material, que muitas vezes fica fora do dia-a-dia, na escola possibilita criar objetos variados, e assim, ampliar o conhecimento em arte para além da pintura e do desenho. Pois com a modelagem as crianças estimulam seus sentidos, em especial o tato, já que elas sentem a textura lisa e macia da massa e, aos poucos começam a apertar e criar formas, já outras estranham sua umidade, por isso a aproximação deve ser feita aos poucos.

3.3 Colagem

A técnica de colar, mais popularmente conhecida como colagem, é empregada para os mais variados materiais como folhas, papel, tecido, sobre um suporte. Esta arte se divide em três etapas: a primeira é a coleta do material a ser colado (como folhas, cascas de árvores, fotografias em revistas, entre outros), a segunda etapa consiste em recortar, ou rasgar, as “figuras” que deseja usar, a terceira, e última etapa é a de colar o material coletado no lugar que achar mais apropriado. Não há regras ou receita, deve-se apenas usar a imaginação (INSTITUTO, 2003).

Conforme PJ (2009) a arte da colagem “[...] Serve para comunicar o resultado da reflexão de um grupo sobre o tema, ajudar um grupo a resumir as idéias mais importantes de um discussão, que todas as pessoas de um grupo se expressem e trabalhem juntas.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a necessidade de inovações para desenvolver um bom trabalho, buscou-se conhecimentos para lidar com a arte na educação Infantil já que nesse período de idade a criança se encontra em fase de pensamento concreto, assim as atividades artísticas fornecerão ricas oportunidades para o desenvolvimento infantil.

Na Arte detectou-se requisitos que dão suporte as atividades desenvolvidas no dia-a-dia de um professor de educação infantil. Através da pesquisa bibliográfica, foi observado que a Arte pode e deve estar presente no ambiente escolar em qualquer situação, pois estimula e ajuda no processo de aprendizagem, desenvolvendo a percepção e a imaginação recursos indispensáveis para a compreensão de outras áreas do conhecimento humano.

A contribuição através dos tempos fornece grandes ferramentas que contribuem para que seja possível adquirir experiências artísticas do passado, pois cada época trabalha o pensamento de forma contextualizada apoderando tanto possível, de tudo o que existia de teoria e de descoberta na área de sua reflexão.

Arte para criança é uma excelente disciplina a ser trabalhada uma vez que se baseia em requisitos pedagógicos estabelecendo, sempre, um diálogo que é uma questão fundamental para que haja uma comunicação ampla e que será ampliado, desenvolvido, trabalhado, estimulado, aprimorado e praticado para que a criança tenha o máximo desempenho de sua capacidade cognitiva.

Desta forma, como o próprio viver, o criar é um processo existencial, que não lida apenas com pensamentos, nem somente com emoções mas do nosso ser, onde a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo que a inteligência estrutura, organiza as emoções.

A ação criadora dá forma, torna compreensível o mundo das emoções. É nesta busca de significados que o educador estrutura e organiza a consciência de seu viver pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adailsa. A criança e o seu desenho. Pedreira, 2009. Disponível em: <<http://adailsaalmeida.blogspot.com/2009/04/criança-e-o-seu-desenho.html>>.

Acesso em: set. 2018.

ARBOLEYA, Valdinei; ERA, Ligia W. Signos artístico-culturais e folclore: um estudo das linguagens artísticas presentes na companhia de Santos Reis de São Pedro do Iguaçu- PR. Cascavel, 2009. disponível em: <http://unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/Artigos/Simpósio/simpósio_1naterates_7.pdf>. Acesso em: set., 2018.

ARSLAN, Luciana. Pequena viagem pelo mundo da arte: suplemento didático. [São Paulo], 2003. Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/catalogo/encartes/85-16-03560-3.pdf>>. Acesso em: set. de 2018.

ATELIER Washington Maguetas. O que é impressionismo. [S.l.], 2006. Disponível em <http://www.ulbra.br/Santamaría/eventos/jornada/2006/Psicologia/8-1161986849_UMA_REFLEXÃO_ACERCA_DA_HISTORIA_E_DOS_NOVOS_RUMOS_DOS_JOGOS_E_BRINQUEDOS_EM_ESPECIAL.pdf>. Acesso em: set. de 2018.

BORDONI, Thereza. Descoberta de um universo: A evolução do desenho infantil. [S.l.], 2009. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp62.htm>>. Acesso em: set. 2018.

BRASIL. Ministério de educação e do desporto. Referencial Curricular Nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SE, 1998.

Secretaria de educação fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Vol 6. Brasília: MEC/SEF, 1997. BRASIL Escola. Arte. [S.l.], [2009]. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/artes/arte.htm>>. Acesso em: set. de 2018.

BRONOWSKI, JACOB. Arte e conhecimento: ver, imaginar, criar. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CARVALHO, Benjamin de Araujo. A história da Arquitetura. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1964.

DALCOL, Susana. A escrita na história dos homens: Das pinturas rupestres de Lascaux ao códex. Santa Maria, 2009. Disponível em <<http://susanadalcol.blogspot.com/2009/01/escrita-na-historia-dos-homens-das-.html>>. Acesso em: set. de 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. O Desenho na pré-escola: o olhar e as expectativas do professor. Série Idéias. N.14. São Paulo: FDE, 1992.

GOMBRICH, ERNST H. A história da Arte. São Paulo: LTC, 2000.

INSTITUTO Ciência hoje. Na cola da Arte. Ciência hoje das crianças. Rio de Janeiro, n. 132, jan./fev. 2003 Disponível em:<<http://cienciahoje.uol.com.br/view/2034>> Acesso em set. de 2018.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. Do desenho de palavras à palavra do desenho. Valença, 2005. Disponível em <<http://BR.monografias.trabalho.com/trabalhos913/desenho-palavras-palavra.zip>> Acesso em: set. de 2018.

LAVELBERF, Rosa. A importância do desenho na construção do processo de leitura/escrita. Rio de Janeiro, 2008 Disponível em:<HTTP://www.mmultirio.rj.gov.br/cime/ME23/ME23_011.html>. Acesso em: set. de 2018.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MAGALHÃES, Conceição. Desenvolvimento gráfico. [SI], 2007. Disponível em:<[HTTP://www.arteducacao.pro.br/Artigos/grafismo.htm](http://www.arteducacao.pro.br/Artigos/grafismo.htm)>,. Acesso em: set. de 2018.

MARIM, Maria Teresa de Mattos. História da Arte: Material de apoio para pesquisa-professores. Joinville, 2005. Disponível em [HTTP://www.posiville.com.br/colegio/Apostila-de-artes.doc](http://www.posiville.com.br/colegio/Apostila-de-artes.doc) Acesso em: set. de 2018.

MARTINS, Simone R, IMBROISI, Margaret H. Pop-art. [SI] , 2009. Disponível em: [HTTP://www.historiadaarte.com.br/popart.html](http://www.historiadaarte.com.br/popart.html). Acesso em: set. de 2018.

MENASSI, Fabiana. História da Arte . [SI] , 2008. Disponível em :[HTTP://www.scribd.com/doc/1292222/Historia-Da-Arte](http://www.scribd.com/doc/1292222/Historia-Da-Arte). Acesso em: set. de 2018.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O Espaço do desenho: a educação do educador. 10. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Disponível em: [HTTP://books.google.com.br/books?id=nTprz3fYi5QC&pg=PA20&lpg=PA203v=onepage&q=&f=false](http://books.google.com.br/books?id=nTprz3fYi5QC&pg=PA20&lpg=PA203v=onepage&q=&f=false). Acesso em: set. de 2018.

PASTORAL da Criança. Brinquedos e brincadeiras na comunidade.2. Ed. Ver. Pastoral da Criança: Curitiba, 2008. Disponível em: [HTTP://www.pastoraldacrianca.org.br/site/publicacoes/Livro_Brinquedistas_Brinquedos_Brincadeiras.pdf](http://www.pastoraldacrianca.org.br/site/publicacoes/Livro_Brinquedistas_Brinquedos_Brincadeiras.pdf). Acesso em: set. de 2018.

PJ Maringá. Colagem. Maringá, 2009. Disponível em: [HTTP://www.pjmaringa.com.br/v9/pjdinamicas/161-colagem.html](http://www.pjmaringa.com.br/v9/pjdinamicas/161-colagem.html).Acesso em: set. de 2018.

PRATES, Marilda. Encontro e Reencontro em Língua Portuguesa: Reflexão & Ação. 1. Ed.. [S.l]: Editora Moderna, 2001. Disponível em: [HTTP://www.ibr.gov.br/media/common/Livros_Adaptados_IBC_PNLD_2004_b_portugues_7serie_Encontro_e_Reencontro_5%C2%AC%20parte.txt](http://www.ibr.gov.br/media/common/Livros_Adaptados_IBC_PNLD_2004_b_portugues_7serie_Encontro_e_Reencontro_5%C2%AC%20parte.txt). Acesso em: set. de 2018.

RIBEIRO, MarcusTadeu Daniel. História da Arte. [S.l], [2009]. Disponível em: [HTTP://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-arte/historia-da-arte-adstr.htm](http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-arte/historia-da-arte-adstr.htm). Acesso em: set. de 2018.

UFES- Universidade Federal do Espírito Santo. Arte Abstrata: O que é Arte Abstrata?. Vitória, 2006. Disponível em: [HTTP://www.portas.ufes.br/def-arte-abstr.htm](http://www.portas.ufes.br/def-arte-abstr.htm). Acesso em: set. de 2018.